



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EVERALDO SANTANA RODRIGUES

CAMINHOS, TRAJETÓRIAS E TEMPOS DE FORMAÇÃO/AUTOFORMAÇÃO

NATAL/RN
2016.1

EVERALDO SANTANA RODRIGUES

CAMINHOS, TRAJETÓRIAS E TEMPOS DE FORMAÇÃO/AUTOFORMAÇÃO

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial à obtenção da Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr. Alexandre da Silva Aguiar

NATAL/RN
2016

CAMINHOS, TRAJETÓRIAS E TEMPOS DE FORMAÇÃO/AUTOFORMAÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, no semestre letivo 2016.1, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/ 2016

Professor Dr. Alexandre da Silva Aguiar - UFRN
Orientador

Pablo Sebastian Fernandez - UFRN

Vandiner Ribeiro - UFRN

Dedico este trabalho aos meus pais que me introduziram nos caminhos e trajetória da formação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais: fonte de inspiração e referenciais pela luta, amor, paixão e sabedoria com que sempre encararam a vida. Por sempre acreditarem em mim.

À Dona Ana, minha avó, pela alegria com que sempre recebeu as notícias de minhas conquistas e por suas contribuições em todas elas.

Aos meus irmãos e sobrinhos por serem sempre tão presentes em minhas trajetórias.

Aos demais familiares pela torcida. Agradecimento especial a Tio João e a Gilse pela amizade, carinho e respeito.

Aos amigos de sempre, especialmente, a Adriana Freire, Daniel Augusto e Evandro Caio que sempre me acompanharam de perto, e que aparecem como testemunhas nos meus caminhos e trajetórias de formação.

Aos amigos que fiz durante o Curso de Pedagogia.

Aos professores do Curso pelas contribuições imprescindíveis para o processo de minha formação acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Alexandre Aguiar, por sempre estar disposto a tirar minhas dúvidas e pela forma carinhosa com que sempre me atendeu.

“Por muito tempo achei que a ausência é falta. E lastimava, ignorante, a falta. Hoje não a lastimo. Não há falta na ausência. A ausência é um estar em mim. E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Neste Memorial utilizo-me de narrativas e discursos que tratam de momentos importantes na minha trajetória e que hoje revelam os diversos caminhos trilhados em minha formação. Em linhas gerais, os relatos de histórias de vida que tem como lastro os processos de formação, conhecimento e aprendizagem, narram algumas passagens e buscas que, a princípio não são claras, mas, que vão se revelando progressivamente, na medida em que são explicitadas, analisadas e refletidas pelo próprio “ator”. Para isso é necessário a reconstituição de acontecimentos interiores e exteriores; contextos; situações e a mediação de pessoas que marcaram a minha existência e me transformaram em um ser que pensa, reflete, aprende, conhece e se forma. Tendo como objetivo reviver memórias que me ajudarão na análise e escolha do profissional em que pretendo tornar como pedagogo. Sobretudo, pelas lembranças recorrentes de tempos felizes e sofridos que contribuíram para a construção dos conhecimentos e de sua formação. Essas recordações, ainda, trazem inúmeras dúvidas existenciais. A dialética entre o saber e o não saber, sobre a escolha de ser professor, das alegrias e das tristezas que ao invés de me enfraquecerem me fortaleceram. Para escrever este memorial busquei o diálogo com autores e atores como Amarilha (1997), que me conscientiza da importância dos contos de fadas para a criança; Ferreiro (1995), que afirma que as crianças não são meros aprendizes; Freire (1996), sobre o ensinar com criticidade; Galvão (1998), da importância da afetividade; Snayders (1988) Ressalto que refletir acerca dos processos de interdependência significa ter como referência que o indivíduo não é um eu isolado e, assim, se de um lado, há uma interdependência funcional entre a minha natureza como indivíduo, o auto-controle e o social, existe por outro lado, o entrelaçamento de planos e ações e grupos que resultam em processos não planejados (ELIAS, 1998). Em suma, dessa experiência surpreendente em minha vida chego à conclusão da importância do memorial para formação do profissional de pedagogia, pelo modo como nos forma, orienta olhar e analisar de forma crítica o que é ou não válido como estratégia de ensino, tomando como parâmetro os nossos próprios aprendizados e vivências.

Palavras-chave: Experiências Formativas. Memória. Formação Pedagógica.

SUMÁRIO

ESTAÇÃO I.....	09
1. TEMPOS DE SER E ESTAR.....	09
ESTAÇÃO II.....	15
2. TEMPOS DE CRESCER E APRENDER.....	15
ESTAÇÃO III.....	24
3. TEMPOS DE CONHECER.....	24
ESTAÇÃO IV	32
4. TEMPOS DE CONTINUAR APRENDENDO.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	42

ESTAÇÃO I

TEMPOS DE SER E ESTAR

“DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos, se não fora

A presença distante das estrelas!”

Mario Quintana

Neste trabalho tenho como propósito desvelar, por meio das minhas experiências formativas, caminhos e trajetórias que conduziram ao Curso de Pedagogia. Ao analisar os processos de formação a partir da perspectiva de aprendizagem e de mudança se faz tendo como referência explícita o modo como vivemos as situações concretas do nosso percurso educativo, ou sejam as experiências formativas. (DOMINICÉ, 1998 e JOSSO, 2004). Partimos, assim, do pressuposto que a escolha de um curso encontra-se atravessada por uma multiplicidade de acontecimentos aparentemente desconexos, compreendidos por meio de relatos de história de vida, sendo estes propiciadores ou indicadores dos elementos definidores desta e de outras escolhas.

Em linhas gerais, os relatos de histórias de vida que têm como lastro os processos de formação, conhecimento e aprendizagem, narram algumas “travessias” e buscas que, em princípio não são claras, mas, que vão se revelando progressivamente, na medida em que são explicitadas, analisadas e refletidas pelos próprios “atores-autores” dessas narrativas.

Para isso é necessário a reconstituição de acontecimentos interiores e exteriores; contextos; situações e a mediação de pessoas que marcaram a minha existência e transformaram em um ser que pensa, reflete, aprende, conhece e se forma. Essas narrativas ajudam a dar sentido às aprendizagens, à formação e à vida, podendo dessa forma interligar as intencionalidades das nossas ações entre o passado, presente e futuro.

Nasci em 04 de janeiro de 1971, na cidade do Rio de Janeiro, sendo filho de retirantes nordestinos e agricultores potiguares, tendo retornado ainda

criança a terra dos meus pais que é o município de Serra de São Bento no Rio Grande do Norte, localizado na microrregião da Borborema Potiguar que faz divisa com o estado da Paraíba. Lá onde fui criado e vivi a maior parte da minha infância e de lá saindo somente para retornar a minha cidade natal, já como adulto que acalentava um grande sonho de conhecê-la. Tenho mais cinco irmãos, divididos em duas gerações, a primeira da qual eu faço parte. Meu contato com minha mãe foi de constante aprendizado, aprendi muito com suas atitudes e as suas lições que sempre ensinavam e contavam, aprendizados simples mas de muita sabedoria e que contribuíram muito em minha formação.

Em princípio, meus pais moravam num sítio que ficava no interior da cidade, conhecido como Sítio Cruz. Foi ai que começaram a namorar, ambos aos 15 anos, e decidiram “fugir”, em busca de melhores condições financeiras, o que representou o início de suas vidas retirantes. Passada a desaprovação inicial da família meus pais retornam ao sítio onde vão morar com a minha avó Dona Ana Rodrigues, professora, famosa boleira da cidade e importante liderança religiosa da localidade. Não por acaso, era ela quem guardava as chaves da igreja. Minha avó Ana também era a dona da única escolinha da cidade, que funcionava na cozinha da sua casa, onde havia uma mesa de madeira, onde as crianças se acotovelavam sentadas entre as poucas cadeiras existentes no local, para ser alfabetizadas. Foi neste contexto em que se imbricavam práticas da educação formal, não-formal e informal que vivi a minha primeira experiência escolar. Na cozinha da minha querida avó, em meio a livros, cadernos, formas de bolo, muitos aromas e memórias, foi ai se alicerçando a minha educação sob sua mediação. Para Gohn (2013a), a educação informal é aquela que recebemos no seio da família, a não formal a que recebemos em contextos organizados e com intencionalidades, enquanto que a educação formal busca os aprendizados. Hoje para mim é possível identificar este ambiente em que vivi a minha primeira experiência escolar, como sendo esse ponto de imbricação dessas modalidades educativas. Considerando ainda que a educação não formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos e cotidianas, é neste campo que

ainda irão se dar muito da minha formação, nos caminhos e trajetórias aqui narrados.

Retomando sua condição de retirantes, passados os primeiros anos de união e já com dois rebentos, meus pais decidiram viajar para a cidade do Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida para a família. Seguindo um costume regional, quase um tratado cultural, meu pai segue sozinho como um “João Batista” que prepara o caminho. Assim famílias inteiras eram separadas e os seus progenitores obrigados a irem ao “sul maravilha” onde viviam tempos de saudade e solidão. Chegando à “cidade maravilhosa” meu pai foi logo trabalhar como cobrador de ônibus, emprego arranjado pelos parentes que já moravam por lá. Pelas bandas de cá, a minha mãe e meus dois irmãos também viviam tempos de saudade e solidão, enquanto acalentavam o sonho da família novamente reunida. Depois de longos anos, muita espera, esperanças e poucas condições de sobrevivência, morando ainda com a minha avó, minha mãe recebe a tão aguardada carta pelos correios. Nela meu pai estava “mandando buscá-la” para morar na cidade grande. Dias depois estava a minha mãe e meus dois irmãos embarcando para o Rio de Janeiro para irem ao encontro de meu pai que a esta altura já estava com carteira assinada e fazendo horas extras para poder sustentar e manter a família que acabava de chegar do nordeste. A família se alojou em uma casa pequena. Cabia à família, um pequeno composto por um vão único e um banheiro. Foi nesse cubículo que eu fui gerado ao lado dos meus dois irmãos acalentados pela doçura da minha mãe e muita simplicidade.

Nasci na maternidade da Piedade, e fui batizado na igreja da Piedade. E por causa desse marco na história dos meus pais, até hoje trago como parte da minha identidade e Registro Geral (RG) a naturalidade do Rio de Janeiro, o que foi motivo de orgulho durante muitas situações da minha vida. Já de volta para nossa terra natal anos depois. Lembro-me que a professora do primário do grupo escolar Joaquim Torres perguntava com ênfase se eu era carioca, o que me diferenciava do restante da turma. Confesso que por anos esse detalhe representou a única forma de autoestima que trazia diante de tantas situações de pobreza e tristeza de quem vivia a ilusão de uma “felicidade” que era alimentada pelas coisas que via na televisão e que eu acreditava serem vividas pelos meus primos na minha cidade natal.

Pelas bandas de cá, na Serra de São Bento, a nossa casa ficava em frente a praça central e ao lado da igreja matriz. Por esse e outros motivos tive uma forte formação católica, tendo percorrido todos os caminhos e ritos atribuídos a uma criança de família de tradição católica. Mesmo sem entender muitas vezes ou questionar, minha avó como uma liderança eclesial local, sempre me colocava nos bancos da frente para assistir as missas e celebrações comuns a cada tempo e época do ano. Ela sempre me carregava a tira colo para as novenas, quermesses e procissões. As lembranças de todos esses episódios sempre misturadas com as experiências escolares, pois na minha cabeça a igreja, a escola e a família estavam ligadas intrinsecamente com e umas as outras.

A Praça também foi um cenário marcante em todas as memórias e na memória escolar, pois era para lá que íamos após sair da escola. Lugar de socialização, brincadeiras e muitos aprendizados. Costumávamos levar as tarefas para casa para ficarmos resolvendo por lá, espalhávamos os cadernos, as cadernetas de desenho, os lápis coloridos, muitos brinquedos construídos e inventados por nós mesmos que ali se misturavam para expressarmos nossas ideias, nossos sentimentos e conseqüentemente nossos conhecimentos. Em Barros (1994), pouco ocorre no interior e muito se dá no exterior da casa, espaço em que há contato com a natureza. Nesse terreno, brinca o menino de Memórias inventadas. No meu caso a praça é associada a uma lembrança de algum aprendizado ou alguma brincadeira. O menino que brinca nele diverte-se com brinquedos, palavras, lápis colorido, etc. Isso significa que a criança faz do simples a sua brincadeira, como se pode notar no trecho a seguir de “Sobre sucatas”:

Isto porque a gente foi criada em lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram bozinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. (Barros, 2003, p.XV)

A praça era como se fosse a extensão da sala de aula. Só saíamos quando os pais preocupados muitas vezes com a exposição ao sol, iam nos buscar, muitas vezes sob muitas reclamações. Aqui mais uma vez recorro á Gohn para melhor compreender o campo de complementação das múltiplas modalidades do ato de educar e educar-se:

“a educação informal – é aquela que os indivíduos assimilam pelo local onde nasce, pela família, religião que professam, por meio do pertencimento, região, território, classe social da família – e a não formal tem um campo próprio, embora possa se articular com as duas. A não formal são os saberes e aprendizados gerados ao longo da vida, principalmente em experiências via a participação social, cultural ou política em determinados processos de aprendizagens, tais como em projetos sociais, movimentos sociais etc. Há sempre uma intencionalidade nestes processos.”Gohn (2013a).

Todos os dias rotineiramente eu via o sol nascer e partia para cumprir minha única obrigação laboral familiar que era o de ir buscar o leite num sítio que fica nos arredores da cidade. Caminhava três quilômetros na ida e mais três na vinda. E muitas vezes aquilo era um exercício de paciência e isolamento muito forte, pois eu quase não encontrava ninguém na estrada, apenas os bichos que cortavam o caminho, os insetos e borboletas que voavam na minha direção e os pássaros que cantavam alegremente principalmente nos dias ensolarados.

Essa memória é muito forte e pungente, até hoje pois se fechar os olhos consigo sentir os diversos cheiros que me acompanharam nessa trajetória de vários anos. O cheiro da terra molhada quando chovia, o cheiro dos besouros que me seguiam, o cheiro do mato quando o sol o aquecia pela manhã e o cheiro do orvalho que se formava nas folhas.

Estas memórias também me remetem a escola, pois muitas vezes eu me atrasava e tinha que sair as pressas para não chegar atrasado na sala de aula, e isso me causava pânico, saber que a professora iria chamar o meu nome e eu não estaria presente. Muitas vezes pegava algum atalho e cortava caminhos para que não atrasar a ida para escola e muitas vezes era obrigado a pular cercas, ou fugir de animais soltos no mato. Mas sempre cumpria a missão de carregador de leite com muita responsabilidade e nunca deixei o

liquido precioso para o nosso café da manhã se derramar pelo caminho, assim como também nunca faltei as aulas mesmo exausto da caminhada ou de algum esforço físico maior que fora obrigado a cometer para não me atrasar.

Sendo este um aprendizado adquirido de minha mãe, sempre preocupada em dar o melhor para mim e meus irmãos, minha mãe cuidou muito bem de mim. Posso afirmar que a família é de extrema importância para o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Esses cuidados também eram reforçados pelos irmãos da minha mãe de quem eu tenho ótimas lembranças, pois em nenhum momento lembro-me de ter sido maltratado por um deles ou por seus filhos com quem brincava e de quem guardo doces recordações. De acordo com Gonh (2013^a):

“A educação informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigo; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia , sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados”.

Nesse sentido, refletir sobre esses acontecimentos e situações é uma forma de atenção consciente de si mesmo, podendo intervir na formação /autoformação enquanto sujeito crítico e criativo. É também uma maneira diferente de autoconhecimento e de conhecimento dos percursos de formação e objetivos de vida. Articulando algumas experiências significativas, escolhas, encontros numa perspectiva que favoreça o entrelaçamento de aprendizagens do passado, questionamentos do presente e apontamentos para o futuro, lapidando minha postura de professor e profissional da educação que espero ser um dia.

ESTAÇÃO II

TEMPOS DE CRESCER E APRENDER

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”

Fernando Teixeira de Andrade

Minha iniciação escolar aconteceu no grupo escolar Joaquim Torres ainda no ano de 1979, estava eu com oito (8) anos de idade e, portanto com um (1) ano de atraso para a 1ª série. Esse grupo escolar anos depois se transformaria na Escola Estadual Joaquim Torres, estando localizada na principal avenida da cidade de Serra de São Bento.

Nos anos anteriores estudei apenas na casa da minha avó, onde Dona Ana reunia as funções de boleira, liderança religiosa, “dona das chaves da igreja”, e também professora. Para compensar o meu déficit em língua portuguesa fui obrigado a fazer aulas de reposição com uma professora linha dura que sempre me tratava com o crivo da régua de madeira quando não conseguia responder o alfabeto decorado. Sempre esquecia de alguns resultados das operações como também de algumas letras, e todas as vezes que isso acontecia, a régua de madeira me incentivava a recordar. Estratégias de aprendizagem bem diferentes das defendida por Ferreiro (apud GOODMAN, 1995, p.24):

As crianças não são meros sujeitos aprendizes, mas são também sujeitos que sabem. Em outras palavras, as crianças adquirem novos comportamentos durante seu desenvolvimento, porém, mais importante, é que elas adquirem um novo conhecimento. Isso significa que o sistema de escrita se torna um objeto de saber e pode ser caracterizado como tal.

Para essas autoras as crianças constroem hipóteses do que seja a escrita e conseqüentemente a leitura, pois o propósito da alfabetização é alfabetizar letrando. Com isso, leva o aprendiz a ter acesso aos textos bem

como o domínio e o uso dentro da sociedade. As letras não são trabalhadas isoladamente, mas dentro de um contexto significativo para o aprendiz, principalmente se for criança em fase de alfabetização. Não gostaria de lembrar da minha professora como uma carrasca, pois fazia parte do modelo educacional da época que estava na escola esse tipo de punição. Nele havia o castigo para os que erravam. Uma educação tradicional em que o professor era o transmissor e detentor do conhecimento e o aluno que no caso era apenas o receptor, fugindo do que nos diz Freire (1996, p.27) quando registra que: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Ressalto também que existem outros fatores inerentes a esta discussão, alguns deles ligados a indisciplina dos alunos e as questões de ou respeito/desrespeito aos professores. Nesse sentido, é preciso desmistificar essas questões acerca das relações professor/aluno que identifiquem elementos que promovam essa indisciplina no contexto escolar. O que acontece no interior do ambiente escolar também tem articulação com os movimentos exteriores a ele. Segundo Julio Groppa Aquino (1996, p.33) “a indisciplina apresenta-se como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o espaço escolar e as outras instituições sociais.” A escola não possui uma estrutura homogênea, existem vários outros elementos que podem influenciar nesse comportamento, como as estruturas sociais ao redor da escola, famílias e relações com vários outros grupos sociais. No ensino tradicional, esses conflitos da relação professor/aluno entre disciplina/indisciplina sempre foi valorizado como algo positivo, servia até como método avaliativo do aluno. Com o passar dos tempos, isso foi mudando, tornando-se, segundo Julio Groppa Aquino (1996, p.38) “vetor de rebeldia para consigo mesmo e de estranhamento para com o mundo – qualidades fundamentais do trabalho humano de conhecer.” Assim sendo, se faz necessário uma relação dialógica entre os sujeitos desta relação para que haja assim também respeito e consideração mútua para que desse modo o docente possa efetivar as suas práticas pedagógicas, aplicação dos conteúdos e avaliações assegurando todo o processo de ensino aprendido. Segundo Aquino:

É presumível, portanto, que uma nova espécie de disciplina possa despontar em relações orientadas desta maneira: aquela que denota tenacidade, perseverança, obstinação, vontade de saber. [...] Anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos. [...] Disciplina torna-se, então, vetor de rebeldia para consigo mesmo e de estranhamento para com o mundo - qualidades fundamentais do trabalho humano de conhecer (1996 p.53).

Desse modo o aluno é compreendido como aquele que possui conhecimentos prévios, visto que vem de um meio social e cultural. Nessa relação não só o aluno aprende, mas também o professor, pois, ambos são possuidores de histórias que devem ser levadas em conta nesse contexto de aprendizagem sistematizada.

Essas lembranças escolares não me faziam bem, mas ao longo do tempo foram superadas, acredito que por diversos motivos e um deles crédito ao fato de está inserido numa família afetuosa. Elas me fazem refletir o quanto uma educação baseada em castigos pode ser danosa ao aluno que no meu caso era ainda uma criança. Os castigos deixam sensações por vezes quase inexplicáveis como o sentimento de tristeza e traumas. Um dos que mais demorei a supera-lo, foi o do isolamento, sempre que errava uma lição ou não correspondia a expectativa da professora por algum motivo, era isolado do restante da turma, ficando proibido de desenvolver atividades com eles e socializar. Para piorar ainda mais o meu martírio, era proibido então de sair para o recreio ficando assim impossibilitado de brincar com as outras crianças.

Depois de adulto foi que compreendi porque me sentia muito triste sempre que me sentia sozinho, sentia uma grande tristeza e uma enorme vontade de estar em lugares com grandes aglomerações de gente. Só depois de algum tempo e recordando os fatos é que pude perceber a associação da minha solidão com o castigo. Posso afirmar que esses castigos provocam sérios danos ao aprendizado da criança e comigo não foi diferente, pois em Galvão (1998 p.31)

“afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior”

E isso se concretizou no meu ensino aprendido, enquanto estudei com a tal professora que me colocava de castigo no isolamento não consegui avançar no processo de aprendizagem referente aos assuntos que ela me forçava a aprender, pois o clima de castigo me envolvia negativamente, e além de ser submetido a eles, ainda me sentia humilhado por acharem que era burro.

Confirmado por Snyders (1988, p.215) que diz: “os alunos são muito mais e profundamente humilhados na escola do que se acredita”. Uma situação que me deixava profundamente angustiado quebrando a relação de confiança que deve haver entre aluno e professor e vice versa. Fator indispensável para o aprendizado satisfatório do aluno.

Daí a importância de que todo aprendizado seja em local estruturado emocionalmente, visto que nesse período a criança está em um delicado momento de sua vida, pois não compreende de forma lógica o que se passa em sua volta e toda a espécie de insulto e maltrato provoca transtornos emocionais que poderão depois transformar-se em sérios distúrbios no processo de aprendizagem, inclusive na disciplina que esse aluno apresenta dificuldades.

No contexto escolar tanto o professor quanto o aluno estão em desenvolvimento, pois este não é um processo fechado, acabado, mas sempre aberto. Por isso a importância da satisfação das necessidades afetivas para que o aprendizado seja pleno, caso contrário tanto o professor quanto o aluno sairão frustrados dessa relação. O estabelecimento da confiança de um no outro é fundamental para que esta relação se dê de fato.

Porém, nem todas as lembranças dessa infância foram ruins, também havia momentos de brincadeiras, os jogos, as gincanas e tudo isso proporcionado dentro da escola e ao lado dos meus colegas que até hoje fazem parte das minhas relações. É nesta fase de minha vida escolar que identifico as bases e alicerces da minha personalidade. Aprendi coisas importantes que trouxe para a vida adulta. Além dos conhecimentos acumulados secularmente em cada área do conhecimento, aprendi valores como solidariedade, honestidade, justiça.

Os momentos de muita alegria eram superiores, pois brincava, cantava e muitas canções infantis que lembro hoje aprendi naquela escola. Recordo

também com nitidez dos momentos de pintura à mão livre que eu amava. Particpei de muitas festas, cantei, dancei e representei muitas peças de teatro na igreja, nas missas e em eventos religiosos, e era nesses momentos que se estabelecia as concordâncias, reflexão, o rever de alguns atos irresponsáveis com alguns colegas que por ventura tenha causado algum tipo de desavença durante alguma brincadeira, e o perdão que significava um novo recomeço, pois está na criança o perdoar e no adulto a atitude para que tal aconteça. Naquele lugar criança era criança. E hoje percebo o que diz Snyders (1988), que as crianças desde o início da escolaridade devem ser levadas à sério e tratadas com respeito, já que deverão compartilhar de momentos de alegria.

O que todo professor precisa ter em mente é que defender e proteger as crianças é fundamental para que ela se sinta segura e tenha confiança para procurá-los quando necessitar, evitando que se reprimam e sofram calada por medo de não serem compreendidas ou ouvidas e não, reprimi-las por coisas banais, como quando a criança erra a lição, pois ao invés de aprender ela se fechará em si mesma bloqueando o seu aprendizado. O professor é um dos caminhos entre a criança e o aprendizado, portanto, é importante que esse caminho seja prazeroso e seguro, pois só assim a criança irá adquirir o desejo de percorrê-lo sem medos ou traumas.

Não posso deixar de relatar aqui também os momentos das histórias infantis contadas pelas professoras, muitas com o teatro de bonecos e os fantoches tão bem manipulados. As histórias contadas sem a manipulação dos fantoches tinham a nossa participação, quando ao final nós recontávamos a história e colava os personagens no flanelógrafo. Era maravilhoso participar daquele momento. Foi desses momentos que passei a gostar de ler, pois aprendi a viver a vida dos personagens no mundo do “faz de conta” e hoje entendo a importância da leitura de contos de fadas para as crianças, mesmo que leve a criança a acreditar em um mundo que não existe. Sabemos que esse contexto traz benefícios, pois como afirma Amarilha (1997, p. 85), “ao identificar-se com um personagem de ficção, o leitor entra em sintonia com valores, ideias e formas da comunidade em que o personagem se situa”. E é nesse momento que o leitor/ouvinte busca encontrar em si características, valores do personagem o que de certa forma o ajudará a decidir quais características são mais viáveis para que as tenha.

Esses momentos também se davam quando ouvia histórias que eram contadas em um programa de uma rádio que existia na cidade de Nova Cruz e foi por muitos anos uma das nossas atrações diária e divertimento. Era sempre apresentado todos os dias as 17h e eu esperava com ansiedade aquele momento que só era frustrado quando o irmão mais velho do que eu, insistia em desligar o rádio dizendo que era coisa sem futuro e que tudo aquilo era mentira. E trocava por outra rádio que estivesse narrando uma partida de futebol, o que me deixava angustiado e triste e talvez por esse motivo se explique a minha aversão a jogos de futebol, em especial os narrados em rádios.

Para mim não importava o que eles diziam, pois apenas me deixava levar pela imaginação que se fazia presente, e todo o cenário surgia na minha cabeça e nenhum momento era tão bonito quanto aqueles em que eu ouvia as histórias. Isso justifica o que diz Amarilha (1997, p.65) “os ouvintes dos contos de fadas demonstram grande envolvimento com as histórias, anulando as expectativas dos professores que julgam serem os contos de fadas desinteressantes para os alunos”. Felizmente não eram os professores que tomavam tal atitude.

Hoje se sabe que contos de fadas favorecem a aprendizagem e a narrativa torna-se uma excelente ferramenta para estimular o lado cognitivo e emocional da criança. Ouvir histórias ou ler faz com que a criança viva experiências através dos personagens que a ajudará no futuro. Através da trama vivida pelos personagens a criança pode se identificar com as emoções, as angústias, os medos e tentar superá-los como os seus personagens superaram na trama ou poderá encontrar respostas para os seus questionamentos no futuro. A criança aprende como estabelecer limite entre o real e o irreal. Os contos levam a criança a viver momentos de fantasias onde poderá ser rei ou rainha, nesses momentos todos os sonhos são possíveis.

No Grupo Escolar estudei até o ano de 1981, pois tive de repetir a 4ª série quando fui reprovado, pois faltei à prova final de matemática por estar doente e não ter condições físicas e cognitivas de executar uma prova.

A escola muitas vezes é cruel quando todos fundam suas atenções na promoção, ou reprovação do aluno. O sistema

quer resultados quantitativos positivos, os pais querem a aprovação, os professores na busca de resultados ameaçam com a prova e os alunos pensam apenas na nota que precisam para serem aprovados. A aprendizagem e o processo avaliativo são colocados em segundo plano, pois o que realmente interessa, nesse caso, é aprovar o maior número de educandos possível (LUCKESI, 2011).

A avaliação também é usada como forma de punição e hierarquização. Todavia, quando usada como um meio de punição ou como uma via excludente, ela se torna um instrumento de controle e de reprodução. Segundo Luckesi (2011, p. 64). “o ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções”. O autor ressalta que a avaliação por si mesma, sem uma ação intencional, torna-se vazia. Nesse sentido, a avaliação é o ponto inicial e contínuo para a tomada de decisão. Aliás, em avaliação, diagnóstico e decisão caminham juntas e interdependentes, a primeira para conhecer e o outro para atuar em prol do objeto avaliado. A avaliação, assim, é uma compilação de ações e intenções de ensino.

Minha mãe sem orientação não avisou à escola e mesmo eu sendo um aluno assíduo os professores não questionaram a minha falta em um período tão importante. Isso sem falar que eu morava bem próximo à escola e que pela minha casa passavam dezenas de colegas de minha sala de aula. É claro que faltou interação da Escola com a família já que minha mãe não sabia do período de provas. Essa situação faz lembrar Paro (2000, p.15) quando afirma que a escola falha, pois “não tem dado a devida atenção ao que acontece fora e antes dela com seus educandos”. Por esse deslize tive de repetir a 4ª série o que custou um ano de minha escolaridade. É importante observar que:

A escola faz um tipo de trabalho e a família outro. Ambas se complementam de forma maravilhosa e incrível para o bem estar e a formação integral das nossas crianças. Mas, nem uma nem a outra podem suprir todas as necessidades infantis e juvenis sem ser um conjunto. (ZAGURY, 2002, p.24).

Por isso, a interação entre família e escola não deve se resumir aos encontros formais, como as reuniões cujo propósito principal é quase sempre avaliar o comportamento dos alunos, ou fazer convites para realizações de festas comemorativas. Mas, deve ser uma convivência de parceria, visto que

isso depende do bom desempenho do aluno, devendo ser uma relação com troca de informações em que a família participa do dia a dia da escola.

Em 1982, ingressei ao ginásio com um (01) ano de atraso, no horário vespertino, e comigo vieram todos os meus colegas do ensino fundamental. Senti uma certa dificuldade em dar continuidade aos estudos pois ainda tinha um déficit em matemática muito crescente e esperava superar essa deficiência com os próximos anos ginasiais.

Nos anos seguintes não aconteceram grandes mudanças ou fatos que possam ser destacados com notoriedade. O ginásio foi se seguindo comumente onde apenas o rigor e a disciplina eram a grande marca dessa época. Nesse período, vivíamos uma ditadura militar no país, e por isso, era comum cantarmos o Hino Nacional e havia o hasteamento da bandeira, era um momento muito solene em que éramos obrigados a ser patriotas. Vivíamos os tempos do “Brasil, ame-o ou deixe-o”, slogan utilizado no período da ditadura militar, onde amar significava aceitar sem questionar os desmandos impostos pela ditadura. Assim, todos fardados e em fila, passávamos por uma revista feita pelo diretor e o aluno que estivesse sem meias ia direto para a sala do diretor e de lá só saía com uma intimação para que o pai ou responsável viesse a escola, fazendo com esse aluno só entrasse no colégio no dia seguinte se estivesse acompanhado.

Tínhamos aula todos os dias e todos os horários e para que isso acontecesse, a diretora, Dona Mariquinha circulava constantemente pelos corredores para flagrar os fujões e encaminhá-los para a sala de aula novamente ou levá-los para a diretoria para dar explicações. Muitas vezes levados aos puxões de orelhas. Os professores eram também monitorados diariamente e se algum faltava sem que o diretor soubesse, nem imagino o que acontecia com ele, mas sei que o próprio diretor nos passava tarefas e o horário era preenchido.

Tenho lembranças de aulas sisudas, pois a única coisa de estimulante era a alegria que existia em nós alunos. Os professores nos ignoravam e raramente nos cumprimentavam e chegavam a fingir que não nos tinha visto caso nos encontrasse nos corredores ou na rua. Tínhamos medo deles e os nossos contatos era apenas em sala de aula na transmissão dos conteúdos, nada ou muito pouco perguntávamos e eu raramente questionava mesmo que

não entendesse o que estava sendo lecionado. Existiam alguns professores que perguntavam sobre nossas dúvidas, mas a grande maioria ignorava. Não havia diálogo entre nós. Nesse sentido, Freire corrobora esta afirmação dizendo que, nesta perspectiva,

“O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p.42).

O que temos por certo é que uma educação baseada na falta de diálogo entre professor e aluno dificilmente fará desses educandos sujeitos com pensamentos críticos, pois tais situações dialógicas despertam no indivíduo o sentimento de autonomia e caso esses momentos sejam reprimidos dificilmente esses alunos se tornarão formadores de opinião. Desse modo, compreendo que muitas das minhas dificuldades e limitações dentro da academia tenha se evidenciado sempre no contexto do déficit de atenção e dificuldade cognitiva principalmente no que se refere a compreensão de eixos temáticos e construção do pensamento e conseqüentemente a produção do conhecimento, e maneiras de como elaborar essa construção, tornando uma produção crítica e consciente.

ESTAÇÃO III

TEMPOS DE CONHECER

“Mas, tão certo quanto o erro de ser barco
A motor e insistir em usar os remos,
É o mal que a água faz quando se afoga
E o salva-vidas não está lá porque
Não vemos”.
Renato Russo

Neste capítulo, farei um levantamento dos momentos mais significativos dentro do conjunto de minhas experiências formativas. Momentos estes que me ajudaram na busca de conhecimentos de mim mesmo, na compreensão do mundo, bem como na tomada de consciência da importância que os mediadores tiveram nesse processo de construção. Por meio de recordações e algumas referências, que simbolizam os elementos constitutivos da formação. Em 1988 ingressei no ensino médio, na mesma escola estadual onde havia feito todo o meu percurso escolar. A inesquecível Escola Estadual Joaquim Torres. Situada no município de Serra de São Bento/RN representou um espaço de grandes conflitos, crises e aprendizagens. Esta escola, fundada em 1950 para atender os estudantes das séries iniciais do ensino fundamental – antigo primário – foi gradativamente implantando outros níveis de ensino e hoje atende ao ensino fundamental e médio, sendo que de 1984 a 2001 ofereceu o segundo grau- Ensino Médio – com habilitação em Magistério.

Ressalto que esta escola não representava para mim um lugar educativo por excelência. Não existia orientação numa perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma perspectiva de formação profissional. Na conjuntura política, histórica, social e cultural de meados dos anos 1980, a sociedade brasileira já havia retomado o processo de redemocratização. Assim por exemplo, o próprio município foi o primeiro no Brasil a eleger um prefeito durante a Nova República.

Contudo a Escola Estadual Professor Joaquim Tôrres ainda continuava fechada às mudanças propaladas por alguns pensadores da época cujas ideias

eu tinha algum acesso por meio da televisão. Havia uma dissintonia entre o que ouvia sobre a efervescência da época e que despertava a minha curiosidade, os noticiários da televisão, conversas trocadas com pessoas da comunidade e a resistência da escola as transformações pelas quais passavam a sociedade, esta concebia, ainda, a educação como um processo de moldagem. A escola se colocava como aparelho ideológico do Estado, produzindo e disseminando a ideologia dominante e reproduzindo as injustiças sociais. (Althusser, 1998).

Nesse cenário, Paulo Freire disseminava ideias sobre a educação libertadora, a qual se “funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeira dos homens sobre a realidade, responde a sua vocação como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora” (Freire, 1974, p. 83). Da mesma forma Darcy Ribeiro também se pronunciava como um inconformado com a realidade cruel de nossa educação, ele dizia que só havia duas opções nessa vida: se resignar ou se indignar. E a sua escolha assim como a minha foi a de nunca se resignar.

Segundo Josso (2004), “a ‘impermanência’ parece ser a tomada de consciência mais primitiva que o “eu” pode fazer na observação/exploração de si mesmo e do seu meio humano e natural”. Talvez tenha sido por isso que ser professor, tendo em vista os contextos nos quais vivi, foi a primeira opção de carreira escolhida por mim.

A maioria dos meus professores não foi referência para mim, isso não significa que não recebi contribuição de muitos. Porém, eles não acreditavam que alguém conseguisse chegar além do lugar aonde eles chegaram. Sabemos de algo indispensável para o sucesso das aprendizagens que acredito que eles desconheciam: ensinar exige convicção de que a mudança é possível, mais que isso, exige alegria, esperança, uma dialética autoridade/liberdade e a compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, na vida (Freire, 2006).

Dentro desse contexto, havia poucas possibilidades de disciplinas, o déficit maior seria na área de exatas, e talvez esse seja um dos motivos pelo quais eu tenha uma enorme dificuldade nessa área. Mesmo sendo o magistério um curso profissionalizante voltado para docência, na grade curricular havia as

disciplinas dos ensinos da matemática, da química, da física e da biologia. Havia poucas disciplinas de formação de professor e somente no último ano do curso que havia obrigação de se fazer um estágio obrigatório. Confesso que o curso feito de maneira ineficiente e sem muitos critérios devido a deficiência da escola, não favoreceu ou instigou o sentido pela docência. Na verdade todos os jovens ou adultos que quisessem passar para o segundo grau, tinha como obrigação fazer o curso do magistério, mesmo que não houvesse interesse ou vocação. Isso se dava pela necessidade de ter um certificado e, ou ter não ser visto apenas como alguém que não tenha terminado os estudos.

Não me consta a lembrança de nenhuma disciplina que tenha marcado de alguma forma a construção ou formação docente de maneira que me incentivasse a carreira. E sabia que depois da conclusão do curso eu iria buscar outro caminho que não o do magistério. Os sonhos eram outros, os planos também, mas nenhum deles foi capaz de resistir a falta de oportunidade, a pobreza e a falta de uma orientação mais formativa. Mesmo minha avó sendo professora e tenha conquistado o diploma acadêmico através de um projeto educacional governamental da época chamado Logos II. Ela não mais participava da minha vida escolar. Eu estava em plena efervescência da puberdade e não queria mais ser visto pelos colegas como um menino protegido pela avó. O distanciamento foi crescente e aumentou a cada ano que eu adentrava na juventude.

Durante os três anos que seguiram o magistério me tornei um aluno indisciplinado e irresponsável, conheci drogas como álcool e o cigarro e fazia uso diariamente como pretexto de fuga e para preencher a ansiedade comum a alguns jovens de cidade pequena. A monotonia de uma cidade do interior aliada à ânsia da juventude de querer conquistar o mundo, torna-se a metáfora viva, um corpo a corpo com a vida, uma literatura que abra passagens, promova a ruptura com o cinismo incrustado no homem moderno a qual Benjamin retrata, é necessário formar a imagem do Bárbaro positivo, aquele que sensível à realidade, produza outros espaços, não ignore a materialidade das grandes cidades e dos problemas que ali persistem, é necessário que se evidencie a miséria e a negação do outro que a modernidade nos trouxe:

Barbárie? Sim. Responderemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para direita nem para a esquerda. (BENJAMIN 1987, p. 115-116)

A Barbárie positiva é esse resistir, impelir para frente, romper. Progredir. Tentávamos sempre reinventar novas formas de desafiar essa condição de ociosidade. Sempre nos reuníamos na varanda da minha casa sob o pretexto de estudar ou fazer algum trabalho em grupo. A época era de transgressão, mesmo não havendo nada para desobedecer numa cidadela de cinco mil habitantes. Nos sentíamos órfãos da ditadura militar, de não ter lutado contra o sistema totalitário que acabara de ser derrotado com os estudantes nas ruas. Ouvíamos muito rock e música popular brasileira, todos com as letras ainda remetendo a luta e a repressão que os artistas pós ditadura sentiram. Passado o momento político e com ele a frustração por não ter participado, vieram os artistas dos anos 80. O rock brasileiro nunca esteve tão em evidência como nessa época, rapidamente fomos conquistados pela banda brasiliense Legião Urbana, que teve sua origem referencias parecidas com as nossas. Reféns da ditadura e acometidos pelo grande tédio que uma cidade sem estrutura ou sem muitos atrativos é capaz de causar. Adotamos a banda como referência para todos os momentos; os de alegria, os de tristeza, as dores, e principalmente os de solidão. As letras da banda nos acompanhavam praticamente em todos os momentos e principalmente na escola, no curso de magistério que elas marcavam mais. Como tínhamos déficit de disciplinas, uma das que mais sentíamos falta era a de Química, e a música da Legião Urbana servíamos de protesto contra aquela situação, pois sabíamos que um dia seríamos prejudicados, justamente pela falta dela.

Mesmo com todos esses problemas e dificuldades, sempre conseguia boas notas e consegui finalizar o segundo grau, dentro da normalidade dos três anos. Foram anos os quais marcaram minha, ajudaram na construção da minha personalidade, mas também consolidaram velhos traumas e sentimentos, que agora era muito mais latentes estando dentro da cabeça de um jovem adolescente que sonhava conquistar o mundo. Embora que esse mundo fosse apenas atravessar o limite da cidade de Serra de São Bento. E

assim um belo dia parti para a cidade do Rio de Janeiro em busca de tais ideias, aquela cidade havia ficado pequenina demais para os meus sonhos e eu sonhava em fazer um curso superior, e naquela atual conjuntura essa proeza era apenas para algumas pessoas da elite ou aquelas que renunciaram tudo, família, juventude e amigos. Eu estaria classificado no segundo tipo de pessoa, que largaria todas as conquistas para trás e sairia em busca da concretização deste sonho.

Contudo, o choque com a realidade na qual eu fui inserido dentro daquela cidade grande, foi paulatinamente minando todas as expectativas que havia criado. A vida na “selva de pedra” era muito mais cruel poderia imaginar. De repente, eu estava ali, sozinho, eu e minha vida, não havia amigos, parentes. Não havia estrutura, ombro amigo, nada. Tive que trabalhar muito duro para poder me manter. E mesmo com o passar dos anos, quando as coisas pareciam mais calmas, o emprego instável, novos amigos aparentes, estrutura e algum tipo de conforto. Retomar aos estudos parecia algo muito distante, muito improvável de acontecer. Permaneci durante seis anos morando no Rio. E o sonho de voltar a estudar suspenso.

Refletir sobre esses acontecimentos e encontros é uma forma de atenção consciente de si mesmo, podendo intervir na autoformação enquanto sujeito crítico e criativo, é também uma maneira diferente de autoconhecimento e de conhecimento dos percursos de formação e objetivos de vida. Articulado algumas experiências significativas, escolhas, encontros numa perspectiva que favoreça o entrelaçamento de aprendizagens do passado, questionamentos do presente e direcionamentos para o futuro.

Depois de seis anos consegui juntar um montante em dinheiro e decidi que era a hora de voltar para minha terra, para o colo dos meus pais, minhas raízes e origens. A vida por lá teria ficado insustentável, devido a ausência de família, amigos de verdade e calor humano. Por vezes me vi acordando na madrugada acometido por algum resfriado do inverno carioca e me sentia desolado. Em todas essas horas eu repensava a minha vida, relembrava a minha trajetória escolar, e o fracasso da vida acadêmica na nova empreitada. Lembrava de todos os orçamentos que havia feito em faculdades particulares

referentes ao curso de pedagogia. E quando chegava no final do mês percebia que ainda não seria naquele momento.

Naquelas horas aprendia que poderia ser co-responsável pela minha vida, pela minha formação, percebi aos poucos que naqueles momentos, algo estava se decidindo e que a minha escolha já era mais ou menos consciente. E por isso voltei.

Com muita expectativa na mala e vontade de querer realizar o sonho da minha formação. Fui direto conversar com o prefeito atual da cidade, cidadão o qual a minha família tinha uma relação bastante estreita e harmoniosa. Pedi que o gestor me desse uma chance me contratando para lecionar em alguma escola do município. O que foi prontamente atendido através de um eventual comprometimento de retribuir a gentileza pelo um voto nas próximas eleições. Já fazendo parte do quadro de professores contratados do município, parti para a cidade de Nova Cruz no intuito de participar de uma semana de formação de professores, em parceria com vários órgãos do estado que agora não me recordo ao certo. Depois de uma semana de formação e reciclagem do meu curso técnico do magistério, agora sim eu estaria apto a encarar uma turma de 25 alunos.

Ressaltamos que ao analisar a posição existencial do ator/autor Josso (2004) explica que estas evidenciam os posicionamentos do sujeito na sua maneira de estar no mundo, agindo sobre ele e gerindo sua vida. Desta forma, nas relações que ele estabelece com o mundo vai identificando as buscas que orientam sua vida. Nesse sentido ser co-responsável pela minha vida, pela minha formação corresponde a postura existencial da Intencionalidade.

O conquistador é aquele que, corajosamente deseja e com tenacidade busca alcançar seus objetivos. Assim, nada o faz recuar em suas buscas, pois ele acredita numa causalidade teleológica, isto é, a sua busca com o fim em si mesmo, com efeito retrospectivo do futuro sobre o presente. Esta postura existencial de conquista que se delineia a partir daí caracteriza-se pelo esboço de um projeto de formação.

Esse movimento interior, me serviu de referência no entendimento dos deslocamentos mentais, na dinâmica da minha própria construção, bem como na constituição de sentidos que me faziam levantar toda manhã e ir

pacificamente para a escola trabalhar. Essa postura interior me fez acolher sem refletir os processos de mudança e de aprendizagem.

Percebo que, a medida em que ia me relacionando dentro desse contexto social, mediado pela cultura simbolizada e efetivada entre “outros” humanos pertencentes a uma mesma coletividade, ia ao mesmo tempo me despreendendo da minha individualidade e construindo uma identidade. (AUGÉ, 1999).

Nas mediações da minha mãe havia muitas histórias de superação e alguns contos a exemplo da história da gata borralheira, os quais contribuíram no sentido de me fazer ter fé nas coisas e nas pessoas; a ter certeza que todos podem melhorar, transformar-se. Outro aspecto importante era a orientação que ela me dava na busca incessante pela sabedoria. Para isso, ela sempre citava a história bíblica do Rei Salomão que antes de pedir qualquer coisa a Deus, quis a sabedoria primeiro e com isso nada faltava-lhe.

Penso serem pertinentes essas orientações que recebia da minha mãe. Embora estivesse longe de entender esses preceitos. Porém essa busca inconsciente me auxiliou na construção da minha identidade e da minha subjetividade, pois a busca pela sabedoria estava o tempo todo subjacente e serviu para orientar e fundamentar meu processo formativo.

Consoante com Josso:

O trabalho biográfico sobre o passado se efetua a partir dos interesses, das questões, das preocupações, das expectativas e dos desejos de um presente que contém um futuro implícita ou explicitamente projetado, esse trabalho é portador de uma mudança que faz sentido (direção, valor, significado) assim como de uma potencialidade, captada ou não, de poder ir à descoberta de um saber viver consigo, com os outros, com o meio humano e natural. (2004, p. 83).

Ressaltamos o quanto de simbólico está presente nas mensagens seja nas estrofes do acordar, seja no que remete a figura do Rei Salomão. Para Vygotsky (2003) a atividade simbólica é um meio de nos auxiliar na compreensão dos processos mentais, isto é, das funções psicológicas superiores através dos signos e do uso dos instrumentos, mediados por

“outros”, produzindo assim, formas fundamentalmente novas de comportamento. Desta feita a atividade simbólica

“é orientada externamente, deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente [...] o controle da natureza e o controle do comportamento estão mutuamente ligados, assim, como a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem” (p. 72-73).

As mensagens simbólicas de minha mãe se estruturam numa sequência que remete a ser estudioso; autônomo/ sozinho; feliz/alegremente; busca/pelo caminho, estudar/ vou para aula vou trabalhar/para me formar/ser sabio/ter sabedoria.

Nesse sentido, a tomada de consciência do nosso percurso, bem com de nossas buscas tem um poder transformador e essas mudanças são processos que se desdobram em um caminhar interior mais ou menos consciente para nós, antes de se tornar visível para o outro. Mas, só saberemos quais os impactos causados por uma situação num contexto escolar ou não, quando ela se constituir numa experiência significativa que pode se refletir ou ser refletida em atividades e ações orientadas por uma intenção. O pedagogo espanhol Jorge Larossa Bondia define o termo experiência como, “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca”. E continua: “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (2002, p. 21). Para ele o sujeito moderno encontra-se submerso no mundo da informação, do excesso de opinião, da falta de tempo e excesso de trabalho.

Por sua vez, o sujeito da experiência

[...] se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua recepção, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se [...] de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma

receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, 2002, p.24)

Neste sentido, este sujeito se expõe à vulnerabilidade e ao risco na construção de seu saber. Diante desse panorama, trabalhei dois anos como professor contratado da prefeitura municipal de Serra de São Bento. E a experiência enriqueceu grandiosamente o meu currículo e me reacendeu a necessidade e o desejo esquecido de conquistar uma vaga na academia e buscar uma formação e licenciatura no curso de Pedagogia. Tentei duas vezes o vestibular da UFRN nos de 2000 e 2001 mas sem conseguir êxito na minha empreitada o que me deixou abatido e desanimado. Justamente no ano seguinte foi encerrado meu contrato com a prefeitura que só poderia manter contratados durante dois anos. O mundo parecia desabar na minha cabeça, agora eu era desempregado e sem acesso ao curso que projetaria minha carreira, a minha instabilidade na provável tentativa de pleitear um concurso público. Em 2002, sem nenhum tipo de expectativa, com a vida financeira negativa, mas com muita esperança no coração decido tentar mais uma vez, uma conquista no Rio de Janeiro. Dessa vez, demorei apenas três meses pois não tinha mais estrutura para encarar um sub-emprego apenas para manter o meu sustento. Era outubro de 2002 e eu passava por uma praça no bairro do Meier quando fui abordado por um rapaz que vestia uma camisa do PT – Partido dos Trabalhadores, e me fez uma proposta para trabalhar nos dias que se antecipavam as eleições. E foi assim que pela primeira vez na vida, por necessidade financeira, e sem entender muito bem que fiz militância para um partido político. Foi nesse mesmo ano que pela primeira vez na vida um trabalhador venceu as eleições presidenciais e conseguir chegar ao posto máximo de presidente da república. Luiz Inácio Lula da Silva era o candidato do partido que eu trabalhei durante cinco dias. Trabalhei muito embaixo de um sol escaldante nas ruas do Meier e assim que chegou o horário final eu só pensava em ir descansar. As 22hs acordo no meio de um programa de televisão que anunciava que o novo presidente da república era o candidato que eu havia trabalhado. Aquilo marcou aquele momento da minha vida, mas só depois fui entender a magnitude desse fato histórico.

ESTAÇÃO IV

TEMPOS DE CONTINUAR APRENDENDO

“Atenção para as janelas no alto
Atenção ao pisar o asfalto, o manguê
Atenção para o sangue sobre o chão
Atenção, tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte”.
Gilberto Gil e Caetano Veloso

Em meio a tantas lutas, limitações e aprendizagens chego finalmente a academia muito mais preparado e consciente dos meus objetivos e anseios. Ao longo da minha trajetória muitos foram os questionamentos sobre a minha falta de preparo e conhecimentos pedagógicos para desenvolver uma prática profissional. Nesse contexto, este olhar para o passado permitiu-me repensar relações e questões pedagógicas inerentes a atividade docente. Valorizando e reconhecendo todos e todas que colaboraram nesse processo doloroso e extenso. A interdependência dos sujeitos se dá numa cadeia ininterrupta de ações que associam os indivíduos em uma rede complexa de relações que os ligam a diversas coletividades. É a interdependência que fornece o lastro para a concepção do todo relacional. (Elias, 1998). E é neste todo que vamos nos construindo e descobrindo o que nos diferencia e o que nos faz semelhantes aos “outros”. Durante toda a minha trajetória sempre contei muito com o apoio de amigos, família e até desconhecidos que influenciaram algum tipo de aprendizado nas relações pelas quais nos ligaram. Através deles alguns desdobramentos foram acontecendo e se impondo de forma real e concreta.

O meu retorno ao Rio Grande do Norte se deu no final do ano de 2002 após uma reunião na casa de alguns parentes cariocas e reencontrando uma prima muito próxima que na época estava morando sozinha em Natal – RN. Depois de muita conversa familiar e descontração, e diante da minha situação insustentável na cidade maravilhosa, a minha prima generosamente me

convidou para ir trabalhar com ela e dividir as despesas. Não pensei muito, e parti para Natal. Em uma semana já estava morando no bairro de Ponta Negra e trabalhando num restaurante na orla da praia. Foram dois anos de muito trabalho e muitas lutas, mudando e dividindo moradia com outras pessoas.

O Brasil estava começando a viver uma nova era, e o meu pouco envolvimento com a política e a minha falta de conhecimento, não me permitia ver o quanto isso me atingiria ou quanto essa mudança seria latente para a construção da minha formação e desenvolvimento pessoal. E foi nesse contexto de mudanças, prosperidades e progresso nacional que eu fui resgatando aos poucos o meu sonho de voltar a estudar, ou o mais grandioso, entrar para uma universidade e concretizar um dos meus maiores desejos que a tempos estava adormecido diante de tantas incertezas e dificuldades da vida.

Após longos anos trabalhando em empresas privadas apenas com o intuito de garantir meu suprimento. Finalmente, no ano de 2008 eu fiz uma seleção para trabalhar no Centro Educacional Dom Bosco, entidade filantrópica pertencente a Congregação Salesiana espalhada pelo o mundo inteiro. A seleção foi para trabalhar no Projeto Consórcio da Juventude do Governo Federal. Esse projeto tinha como propósito a capacitação e inserção de jovens em situação de risco ou vulnerabilidade social, no mercado de trabalho. E foi uma das maiores e melhor experiência profissional que pude vivenciar em toda minha vida, além de mudar minha forma de ver o mundo e fazer a minha parte que cabe para tentar muda-lo, também mudou a minha forma de se posicionar diante de muitos problemas que sempre me foram muito pertinentes. Considero mais importante ainda e mais enriquecedor a descoberta de como se posicionar politicamente e quais os reflexos que isso traz a melhoria e qualidade de vida das pessoas.

A experiência no Projeto Consórcio Nacional da Juventude alargou minha visão de mundo, trouxe a tona todas as minhas experiências e fez um resgate de todos os conhecimentos adquiridos na escola e fora dela.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e

exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos [...] (Gohn, 2006).

Para Gohn (2006) Em hipótese NENHUMA a educação não-formal substitui ou compete com a Educação Formal, ou com a educação escolar. Elas se complementam e se articulam pois ambas tem o propósito de formar cidadãos plenos e convictos de seus direitos e lutas, baseados em vários eixos sejam eles sociais, direitos, igualdade e etc. Desse modo, retomo também a construção de todos os meus saberes, conhecimentos e sentidos pelos quais passei na vida, na escola e nas minhas relações familiares, as quais solidificaram a minha personalidade e estruturaram a minha vida, acerca de mim, dos outros e do mundo, se fez dentro de relações de interdependência: eu/estudantes; eu/mundo eu/docentes; eu/currículo – institucionalizado.

O que o constitui o conjunto das relações que estabelecemos, a todo instante, são os elementos que as compõem (eu, outros, natureza, sociedade, cultura). Essas relações estão sempre em processo, ou seja, elas se fazem e desfazem, se constroem, se destroem, podendo ou não ser reconstruídas ou rearticuladas. A cada instante as relações se atualizam, vão se esgarçando ou se fortalecendo.

No último ano do governo do presidente Lula, em 2010, o projeto é encerrado e consecutivamente mais uma experiência educacional também. Não posso deixar de ressaltar que a experiência foi um divisor de águas tanto na minha vida pessoal quanto profissional. Todas as relações com um mundo velho haviam sido esfaceladas, e uma nova ótica construída e atualizada. Diante de tanta novidade, informação e motivação, fatores preponderante para me instigar a ir em frente nos meus objetivos rumo uma universidade pública e/ou federal, objetivo esse alimentador dos sonhos antigos acordados pela paixão motivadora de querer ajudar o outro, de querer ocupar um espaço melhor no mundo, ou querer ser agente dessa mudança na vida de outros. Com esse anseio a certeza que o único caminho possível seria o da graduação superior. E diante de tantas mudanças propostas pelo governo da época, poderia vislumbrar que o abismo que me separava dessa tão sonhada realidade diminuía cada vez mais. A experiência no Dom Bosco havia causado uma mobilidade não apenas social, mas também psíquica e intelectual. Mesmo

ainda consciente da minha realidade/ situação socioeconômica atual, isso não tirava de mim a ânsia por querer seguir rumo ao projeto de futuro, por uma sociedade mais justa e igualitária, onde a distribuição de renda entre os menos favorecidos já era uma realidade. Por isso,

de um modo mais radical a Educação Popular significa, para mim, caminhos, isto é, o caminho no campo do conhecimento e o caminho no campo político, através dos quais amanhã – e aí vem a utopia –, as classes populares encontrem o poder (FREIRE, 2008).

Contudo, essa relação de poder proporcionada pela a educação não pode ser apenas um ordem do capitalismo, mas algo intrinsecamente sujeito ao processo de desenvolvimento humano. Nesse sentido, a universidade, por ser um lugar de conhecimento, é um lugar de poder (PANIZZI, 2006) e precisa ser disputado e estar ao alcance de todos e todas que desejarem.

Logo após o termino do projeto e a experiência no Dom Bosco, fiquei dois longos anos desocupado, sem conseguir trabalho em qualquer área, credito o fato a minha idade um pouco fora do padrão do mercado , como também a falta de uma formação acadêmica ou técnica. Foi um período de grandes dificuldades e sentimentos de baixa autoestima que desencadeou um forte isolamento social e familiar culminando num fracasso financeiro. Sem muitas perspectivas de futuro, conquistas ou prosperidade.

Em 2011 fiz o meu primeiro Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, na tentativa de pleitear uma bolsa de estudos em uma das instituições privadas. Sem muito contato com os estudos e com poucos recursos para preparação das provas, não obtive êxito e mais uma vez fiquei desolado e desanimado, sem muitas proporções do que poderia acontecer dali pra frente. Mas a experiência do Enem, me causou uma certa perspicácia e despertou o interesse para o próximo ano. Mais uma tentativa. Mais uma vez meus conhecimentos, capacidade e habilidades seriam testados no intuito de chegar a uma universidade e assim poder realizar o meu grande sonho.

Paralelamente , em 2012, fiz o Enem e o vestibular da Comperve, que na época era a maior porta de entrada a UFRN. O Enem fiz sem nenhum custo de matrícula devido a minha origem da escola pública. Orientado pela

minha irmã, de que eu poderia concorrer a vagas sob o argumento de inclusão, e que o valor da taxa da matrícula seria um presente doado por ela, decidi também me fazer o vestibular da COMPERVE – Comissão Permanente do Vestibular, já era graduada pela UFRN -

O resultado do ENEM – Ensino Nacional do Ensino Médio, melhorou bastante e eu fiquei razoavelmente colocado numa posição que me possibilitou uma bolsa pelo Prouni, mas com algumas restrições de cursos. Dentre elas o que mais me interessou foi o curso de Marketing na UNP – Universidade Potiguar. Mantive as duas graduações consecutivamente, o que me causou um certo dano ao curso de Pedagogia, de certo modo tinha que dividir o pouco tempo que sobrava para ler os textos de ambos os cursos.

Logo em seguida veio o resultado do vestibular onde fui aprovado para começar ainda no primeiro semestre de 2012. E eis que o mundo do conhecimento acadêmico abre suas portas para mim e eu me vejo totalmente inserido nesse novo contexto, tão sonhado e tão almejado. Diante de tantas dificuldades e obstáculos reconheço que esse foi o meu primeiro passo rumo as conquistas que sempre quis. Me senti agradecido e entusiasmado com as novas políticas sociais implementadas pelo atual governo federal.

Senti-me incluído, e motivado a se esforçar e fazer o melhor possível para retribuir ao Estado o que seria investido na minha formação. A sensação de contribuir com o meu país, e ao mesmo tempo cumprir a minha missão e manter uma jornada de trabalho digna e com isso não apenas fortalecer a educação de base mas como também contribuir para o futuro do meu país, foi a válvula propulsora para que eu seguisse firme, sabia que não seria uma missão tão simples, mas sobrava tempo, desprendimento e garra para manter dois cursos consecutivos e mantendo a qualidade dos estudos. Mesmo com todas as minhas dificuldades e limitações.

Tudo isso só foi possível diante da nova conjuntura política e social e reformas que alcançara as universidades brasileiras que, de acordo com o perfil social da população brasileira, até então o ensino superior era visto apenas como um local privilegiado para a dominação das elites econômicas do país. A universidade a qual eu conquistei foi transformada em uma instituição que conseguiu resolver os problemas contemporâneos, construindo alternativas para a inserção das minorias e desprivilegiados. Desse modo, a

universalização e democratização das universidades, foi de extrema importância no sentido de abranger a diversidade e ao lado dela, o avanço científico e tecnológico. Portanto é necessário estabelecer uma efetiva comunicação, ao estilo freireano, como todos os agentes sociais, pois:

pensa-se, em regra, que as universidades representam o produto puro e simples da atividade criadora dos grupos de especialistas que nelas trabalham cooperativamente. Isso é verdadeiro, mas em parte. O que dá grandeza às universidades não é o que se faz dentro delas – é o que se faz com o que elas produzem (FERNANDES, 1966, p. 205).

A cultura universitária dá conta de uma relação abrangente com o sistema de símbolos e significados dessa ambiência formadora, mais que absorver as regras postas formalmente, temos que, a princípio, intuitivamente, buscar as soluções para os conflitos engendrados pelas regras implícitas de formas “corretas” de conduta, circulação, convivência e enfim de ser/estar estudante universitário.

Para Geertz (1997) a cultura é concebida como um sistema simbólico e o conceito de cultura está marcado pela condição de dar sentido aos sinais, aos indícios e são esses sinais e essas pistas que possibilitam a construção de significados que dão sentido as nossas ações.

A chegada a Universidade, mais especificamente ao Curso de Pedagogia foi, em princípio, uma grande libertação, tinha um sabor de vitória, a sensação do dever cumprido. A partir daquele momento eu pensava que poderia dormir o resto da minha vida tranquilo, pois já havia atingido um dos maiores propósitos da minha vida: entrar na Universidade. Cheguei ao lugar onde esperava me encontrar. Ao lugar que tinha certeza que me pertencia e que dali manaria fontes de conhecimentos e aprendizados que alicerçaria toda uma vida profissional e pedagógica.

O sentimento de pertencer se funda na crença subjetiva, numa origem comum que une diferentes indivíduos, os quais pensam em si mesmos como membros de uma coletividade em que símbolos expressam valores, angústias, conflitos, expectativas e aspirações semelhantes às de “outros”. O ambiente para o qual sempre queremos voltar, no qual fundamos um mundo, com o

propósito de que este nos ofereça as verdadeiras referências de bem-estar e prazer. Estes associados à descobertas de novas formas de conhecimentos e crescimento pessoal e profissional.

As aulas começaram. Em alguns momentos elas realmente se constituíam num espaço de discussão construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento. Mas, noutros, as discussões eram limitadas pela falta de abertura dos sujeitos (alunos e professores). Muitas vezes, o apego às regras e convenções prejudicavam a construção de novas concepções e não respeitavam a pluralidade de ideias, posturas e atitudes tanto por parte dos professores como dos estudantes.

Com o decorrer do tempo as contradições se evidenciavam, e estas, passavam a ser sentidas nitidamente nos discursos que pregavam a quebra de paradigmas e no investimento da construção de uma nova sociedade mais crítica, mais participativa, mais solidária; no entanto, as mentalidades, atitudes e posturas se embasavam numa prática culturalmente arraigada nas tradições.

Ouvia muitas reclamações dos meus colegas estudantes, em relação à deficiência do curso no que concernia a parte prática, pois esta não era articulada com a teoria, porém não me sentia muito prejudicado no que diz respeito a essa questão, uma vez que já atuei na área de educação e as minhas experiências contribuíram para um entendimento mais rápido das teorias trabalhadas nas aulas.

Não obstante, as contradições da Instituição. A maioria das aulas era um alívio por vir ao encontro das minhas dúvidas. Elas sempre se constituíram numa fonte conhecimento e de aprendizagens que suscitavam pesquisas, que levavam a outros questionamentos, interpretações e ressignificações do real. Esse real que já não se apresentava mais sob uma única face normativa e opressora, que já não era mais o que foi, seria, desejaria ou supunha. Mas o real sob a forma modelada por questionamentos maiores.

Para cada nova interpretação o desdobramento de argumentações infinitas, uma nova configuração de ser do ser, e os “outros”, um novo mundo em gestação. Ruíam as verdades preconcebidas, posto que há, sempre, uma indagação que move a primeira questão a âmbitos inimagináveis; enfim, para cada questão há uma outra, relativa, complementar que pode ser pessoal ou

coletiva e que tem implicações direta na transformação dos sujeitos envolvidos no processo.

Durante o Curso, minha maior dificuldade foi conciliar trabalho e estudo, tendo em vista que a maior parte do tempo passava longe da universidade, pois trabalhava 60hs semanais. Esse fato prejudicou muito o meu desempenho acadêmico, ao ponto de ser reprovado em algumas disciplinas. Por isso, já na reta final, tive que abrir mão deste trabalho formal para trabalhar/ajudar na loja da minha tia, toda essa adequação foi feita para priorizar meus estudos.

Em 2014, tive um grande problema pessoal e fui obrigado a fazer o trancamento do programa e por isso fiquei desnivelado, não foi fácil estabelecer profundas relações com os colegas estudantes, por isso ser perseverante me ajudou a abrir portas e criar vínculos com algumas pessoas, assim, pude interagir melhor com os meus colegas, ajudando-os e sendo ajudado por eles. As discussões, os seminários, as apresentações serviram não só como facilitadores de aprendizagens, mais como instrumento de socialização e construção da afetividade.

Devemos ressaltar a alta competitividade entre os alunos tentando se destacar por meio do IRA – Índice de Rendimento Anual para com isso serem bem vistos pelos professores e coordenadores de programas de extensão universitária que usam esse instrumento de avaliação para selecionarem estudantes que se candidatam a bolsista, seja em base de pesquisa, ou de apoio técnico. Considero que essa postura docente interfere negativamente no processo de aprendizagem do que realmente é mais importante para nós, estudantes. Visto que, procedendo dessa, o professor direciona o foco do estudante, equivocadamente, para buscar notas altas em detrimento de aprendizagens e conhecimentos que nos preparem para a vida com toda a sua complexidade e o exercício com qualidade da profissão docente.

Tendo em vista que os processos de aprendizagens, conhecimentos e formação são infinitos, pois somos seres inacabados e precisamos saber cada vez mais, necessitamos de liberdade, sobretudo, a liberdade de aprender. Essa liberdade já traz em si a autonomia intelectual e a capacidade de escolher caminhos de buscar sempre, numa “travessia” infindável a terceira margem da vida.

A inquietante busca por aquilo que não conhecemos nos põe em eterno movimento, este entendido como estado natural dos corpos, dos seres e da própria vida. Daí emerge a vontade, o desejo e a necessidade de continuar estudando, de continuar nesse processo de formação e de conhecimentos mais sistematizados. Para concluir este capítulo evoco a imagem descrita por Antonio (2002). Ele visualiza a escultura de

“um cavalo alado, prestes ao vôo. Com as patas no chão, no mesmo momento de se alçar ao espaço, ele se volta – por instantes - e olha para trás. Mas seus músculos e nervos, com secreta harmonia, se preparam para fazer as “travessias” do futuro. Toca no chão do presente de onde emerge. Arrastará com seu movimento muitos signos passados, mas já pertence também ao futuro que gestará com suas asas [...] ao fazer seu vôo, a sua história. (p. 110).

E assim, certamente, me lançarei numa nova trilha recheada das experiências do passado, porém, sempre aberta a novos desafios cada vez mais complexos. Mas já com a certeza do sucesso da empreitada, sabendo que metamorfosear-se, metamorfoseando não é uma tarefa fácil, entretanto se faz necessária. No dizer roseano “dessa noite esquecer não posso. Garouu para a aurora”. (p. 225).

Considerando de grande valia todas as experiências narradas ao longo dessas quatro estações, as quais me trouxeram até aqui e me impulsionaram muito além daquilo que planejei e escolhi como minha formação e o preparo para o exercício da docência e escolha de percurso profissional e ideológico. Não poderia deixar de enfatizar que meus objetivos foram subsidiados pelas políticas públicas dos governos dos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que redesenharam efetivamente o perfil do estudante universitário dadas as mudanças nos planos sociais, econômicas e culturais do Brasil. E eu estava inserido dentro desse novo contexto de universalização das universidades brasileiras. Era visível que transformações significativas estavam ocorrendo em todas as áreas do conhecimento com um desenvolvimento científico e tecnológico que aproxima de forma inexorável potências humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lembranças do que vivemos no passado ficam armazenadas em nós, ora no plano do consciente, ora no nosso inconsciente e muitas vezes essas cenas trocam de lugar num jogo de mudanças permanentes que me faz questionar, até que ponto também, me reconheço através do meu inconsciente. E elas falam, especulam e nos ajudam a recompor histórias, e a busca de novos caminhos.

Por meio de um profundo e conturbado processo especulativo de apreensão da realidade ao longo do meu percurso de vida e experiências formativas, vou me construindo, fundando mundos, buscando sonhos, interagindo com “**OUTROS**” e crescendo com eles e sob as suas influências. Dentro de uma rede de relações entrelaçadas de questões, planos e (medi)ações interdependentes que vão do âmbito pessoal ao coletivo.

Ao resgatar momentos que marcaram caminhos e trajetória da minha formação, consigo construir a partir das minhas experiências formativas uma reflexão mais crítica dos caminhos que eu percorri, o que me faz alguém mais atento e cuidadoso com a minha própria vida, e ao mesmo tempo mais comprometido com a condição de futuro professor.

Aprendo a cada passo que dou na realização desse trabalho que o processo de formação/autoformação é infinito, porque é dialético, como todo processo de desenvolvimento humano, ora envolvido na neblina do conflito cognitivo, ora refletido nos raios de sol da certeza do sucesso da travessia. Há momentos de “acomodação”, que são posteriormente desequilibrados por novos conhecimentos. E, é por causa dessas certezas que se transformam em incertezas e desse incessante movimento de idas e vindas que as aprendizagens são asseguradas.

Diante disso, é que constato que a graduação foi o primeiro passo de muitos que espero dar durante a vida, pois como diria Freire (2006) somos seres inacabados e por isso estamos em permanente construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas**: literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petropolis: Vozes, 1997.

ANTONIO, Severino. **A utopia da palavra**: linguagem, poesia e educação: algumas travessias. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

AQUINO, JulioGroppa. **Indisciplina na sala de aula**. 6. Ed. São Paulo: Summus, 1996.

AUGÉ, Marc. **O Sentido dos Outros**: atualidade da antropologia. Trad. Francisco da Rocha Filho. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BONDIA, Jorge Larrosa. "Notas sobre experiência e o saber de experiência". In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: Nóvoa, Antonio; FINGER, Mathias (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de formação nº 1, março, Lisboa: PENTAEDRO, 1998, p. 51-61.

ELIAS, Nobert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FERREIRO Emília. Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yeta M.(org). **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e Educação Popular. Indaiatuba: Villa das Letras, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O desafio educacional**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

_____. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora, 1966.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

GEERTZ, Cliford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis-RJ: Vozes, 1997.

GOHN, M. G. **A educação não-formal e a relação escola-comunidade**. Revista ECCOS, no 2, vol. 6, Dez 2004.

GOHN, Maria da Glória (2013a), **Educação Não Formal e o Educador Social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Ed.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PANIZZI, Wraana Maria. **Universidade para quê?** Porto Alegre: Libretos, 2006.

PARO, V. H. **Qualidade de ensino**: A contribuição dos pais. São Paulo: Xamã. 2000.

SYNDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo. Martins Fontes, 2003.